

Soneto 1

Dos mais formosos seres esperamos descendência.
Que a beleza da rosa possa, eterna, viver,
Mas, assim como o velho com o tempo definha,
Possa o seu doce herdeiro dele a memória ser.
Mas tu, comprometido ao teu brilhante olhar,
Alimentas-te em chama com a tua própria luz,
E fomentas a fome onde existe opulência,
Tu próprio o inimigo, o mais cruel, de ti.
Tu, que és hoje do mundo ornamento perfeito,
Que és, só por ti, arauto da alegre Primavera,
Em teu próprio botão enterraste a alegria,
E esbanjas-te, meu querido, dissipas-te a sorrir.
Tem piedade do mundo, ou ele irá engolir
O que a ele é devido, pela tumba e por ti.

Soneto 5

As horas que em terno ofício emolduraram
Essa face gentil onde o olhar se demora
Hão-de ser as tiranas de si mesmas, as horas,
Como da fealdade que a perfeição supera.
Pois não repousa o Tempo, antes guia o Verão
Ao temível Inverno, para aí o lograr;
A seiva enregelada, as folhas sem fulgor,
Soterrada a beleza, e em vez, desolação.
Assim, não fora a essência do Verão conservada,
Líquida prisioneira entre vítreas paredes,
O fruto da beleza por ela era roubado
E nem memória havia de beleza que fosse.
Mas a flor, no Inverno, perde só a aparência,
Sobrevivendo, doce, o que lhe deu substância.

Soneto 10

Recusa, por vergonha, que não sabes amar,
Tu, que para ti mesmo és tão pouco prudente!
Concede, se puderes, que és por muitos amado,
Porém, que a ninguém amas é por todos sabido.
Pois tu de um ódio tal te encontras possuído
Que mesmo contra ti não ousas conspirar,
E arriskas arruinar esse tecto tão belo,
E havias em desvelo dele melhor cuidar.
Ah, muda o teu pensar, para que eu mude o meu!
Deve o ódio ter lar mais belo que o amor?
Sê como é o teu estar, gracioso e encantador,
Ou ao menos a ti prova o teu bom sentir.
Torna-te em outro eu, fá-lo por meu amor,
Possa o belo viver quer nos teus, quer em ti.

Soneto 15

Se considero: tudo o que vai crescendo
Só tem de perfeição um brevíssimo instante,
Que este palco infinito só mostra, não desvenda,
O que as estrelas dizem em secreta influência;
Se percebo que os homens como as plantas florescem
Protegidos, mas presos, por um céu semelhante,
Em vanglória de seiva que se apaga na idade,
Esquecidos de memórias que se tornam distantes;
É então que a ideia deste estado inconstante
Te faz a ti mais jovem perante o meu olhar,
Onde o Declínio luta com o Tempo que passa
Transformando o teu dia em noite embaciada;
Tudo em guerra com o Tempo e pelo teu amor,
Ele roubando-te, e eu: moldando-te em fulgor.

Soneto 17

Quem irá no meu verso um dia acreditar,
Se com teus altos preitos ele for preenchido?
Ainda que, por Deus, te esconda, qual jazigo,
A vida, e não desvende de ti nem a metade.
Se eu pudesse escrever a graça dos teus olhos
Medir em metro novo cada um dos teus dons,
“O poeta falseia”, diriam os vindouros,
“Jamais os céus tocaram assim faces mortais.”
Então, gastos na idade, dos meus pobres papéis
Ririam, qual de velhos de mais fala que juízo,
Chamariam furor ao que te é merecido
E que eu excedia o metro como em canção antiga.
Vivesse nesse tempo, porém, um filho teu,
Duas vezes vivias, nele, e no verso meu.